

Mulheres Centrais

Sabedoria de gato | Ana Rüsche

A *rara sabedoria das gatas cochilando ao sol* era sabedoria (e rara) porque as gatas ignoravam o porvir e gastavam a vida (ao contrário dos outros viventes) no presente, economizando-a no sono e na lombra dos dias mornos. E Ana Rüsche sabia disso. Foi ela quem observou a ciência felina e a descreveu. Mas Ana Rüsche é escritora e escritores têm uma coisa de usar o verbo pra concretizar o impalpável e por isso ela se atreveu a criar o não-criado – feito deus, mas um deus que edita quando não está bom. E Ana disse: *faça-se o futuro em uma cidade qualquer como... Ubatuba, no litoral paulista*. E o futuro nasceu pr'aquelas bandas, cheio de metáforas, reminiscências da vida real e alguma esperança. Nasceu um livro, mais um da Ana, que ela batizou de *Nós que adoramos um documentário* e que não foi fácil de escrever. A autora não costuma sair incólume das realidades que inventa. Mesmo quando mente, Ana fala a verdade.

Nós que adoramos é uma autobiografia suspeita. Primeiro porque é auto, e mesmo a escritora admite que quem sobe no púlpito literário pra discursar a respeito da própria vida não se arrisca a dizer toda a verdade sobre si mesmo. Mente, portanto. Segundo, porque o *Nós que adoramos*, nos capítulos sobre o passado e o presente de Ana Rüsche, apresenta fatos da vida da autora mesclados aos fatos da vida de outras pessoas. E isso porque Ana tem um costume: ouve conversas alheias em ônibus, cafés e fila de banco, absorve tudo, leva pra casa, debulha, cozinha e serve quente aos comensais. Em terceiro lugar, suspeita-se do *Nós que adoramos* porque ele biografava a vida que ainda não existe. Mas tudo isso se justifica: Ana está à vontade no mundo e faz o que quer da sua literatura.

Memória

Retomar o passado faz parte do processo de cura – ideia do Freud que Ana assimilou. Por isso (também) ela escreve – mas acima de tudo pra existir no tempo. Ana Rüsche escreve para completar a própria memória, que é pouca, e usá-la como inspiração e unguento depois. Quando a vida lhe demanda respostas, ela se apresenta com notas, rascunhos e livros – estes últimos ela mostra já no final da sabatina, quando as respostas são abundantes e consistentes. *Nós que adoramos* um documentário foi a oferta de Ana Rüsche a uma demanda de uma tonelada que a vida lhe impôs.

Foi um pouco antes do aniversário de 30 anos, em 2009. Haveria festa grande, não pelas três décadas redondas – que pra isso ela não liga a mínima –, mas porque gosta de festa e da casa cheia de amigos e de amigos dos amigos. Mas vieram umas dores por dentro do corpo, fortes, como se algo ali tivesse arrebentado. No hospital moderno e todo equipado ninguém sabia diagnosticar. Diziam que era isso, aquilo e outra coisa – e até que estava tendo uma crise nervosa –, mas nunca acertaram. Ana, então, foi ao homeopata e descreveu-lhe as cores e formas da dor até ele descobrir. O problema é que uma vida dentro dela se desfazia porque não encontrava espaço para florescer nas trompas.

Hoje, quando o mundo ainda não existia vomitei meu útero inteiro pela boca um gosto de contração amarga enjoada dessa raiva de não ser desse planeta de todas as coisas sem nenhum sentido.

Não houve festa, mas convalescença. A escritora recolheu as velas, submergiu a âncora e esperou as ondas mais fortes se acalmarem. Fechada em si e com o coração posto na nova existência que só piscou e se desfez dentro dela, Ana elaborou a res-

posta que a vida lhe pedia: *Nós que adoramos* um documentário. A hemorragia e o exercício da memória escrita como cura parturiaram o novo livro.

**Mas como nem havia mundo,
as estrelinhas de meu ventre
saíram flutuando pelo vazio e pelo seu afora
e, aos poucos, lentamente,
porque mesmo o tempo era novidade
iam bipartindo-se, recriando-se,
saudáveis pontinhos de luz
pirilampos de energia dos meus sonhos
inundavam, amamentavam de leite
cósmico o
buraco negro, até transbordar
novamente de mundos, planetas de
histórias, de
constelações, galáxias
de carinho
Em algum lugar do outro planeta,
mesmo que
absolutamente não existia.**

Eco

Um livro de poesia não está terminado quando tem um número suficiente de poemas, nem quando tem um título, uma capa, contracapa, orelha ou prefácio. Um

livro de poesia não se termina quando se termina, mas quando ele continua fazendo sentido no sentimento do outro que não o escreveu. A autobiografia dissimulada de Ana Rüsche em *Nós que adoramos* um documentário, com seus futurismos calcados no presente e passado reais, reverbera em quem a lê. No livro estão diversas sabedorias, universais e singelas, de quem garimpou muita conversa alheia, tomou notas sobre a vida que passava e já sentiu essa dor forte por dentro, a dor das coisas que arrebentam e se desfazem pra nunca mais – mas nem de perto, a uma mesa, duas cervejas e uma hora de conversa de distância, Ana Rüsche tem o peso e azedume daqueles que não digerem a intempérie.

Ana resolve os amores no papel (porque tudo na vida são amores), e a escrita é seu instrumento de explorar e organizar o mundo. E quando suas palavras se tornam autônomas nas mãos, retinas e no coração de quem as lê, as ideias que expressam saem por aí à noite a dar pitacos nos mundos alheios. Foi a própria Ana quem me apareceu num sonho e narrou, me olhando na cara, o poema das gatas contido em um outro livro seu, o primogênito Rasgada:

Não tinham a mínima ideia do futuro.

**Mas descobriram
que a vida – por si só –
bastava e era imensa**

**A rara sabedoria
das gatas cochilando ao sol.**

Eu perguntei: e isso, Ana, pra que serve? E ela, sorrindo, não disse nada, ficou *blasé*-tranquila como as gatas inermes. Delas, a escritora aprendeu que a vida bastava por si, e que o futuro, quando ignorado, nada podia contra a paz do presente. E se Ana biografou o próprio porvir, não foi com intentos de premonição. É que ela é escritora, e escritores têm uma mania que é essa: por mais que saibam que o presente é a única realidade possível, não sossegam enquanto não fazem um galho com palavras e saem a cutucar o que repousa no lado escuro da sala.